



ACADEMIA SERGIPANA DE MEDICINA

Discurso de posse do Acadêmico **DR.MARCELO RIBEIRO** na Academia Sergipana de Medicina. Data: 22 de outubro de 2008

Ilma. Sra. Acadêmica Déborah Pimentel, MD Presidente da Academia Sergipana de Medicina, em nome de quem saúdo as autoridades presentes ou representadas;

Minhas queridas confeitras e queridos confrades das Academias Sergipanas de Medicina, e de Letras;

Amigas e Amigos do MAC;

Familiares dos Drs. Canuto e Gileno Lima;

Meus familiares, pacientes, amigas e amigos;

Minhas senhoras e meus senhores:

O consagrado mato-grossense Manoel de Barros, n' *O Livro das Ignorâncias*, recomenda:

Adoecer de nós a Natureza:

– Botar aflição nas pedras

(Como fez Rodin).

Com qualidade menor, conto eu:

Com auxílio de parteira,

vim de mau jeito

ao mundo:

nádegas viradas
pro sol das catorze horas,
numa casa bem estreita
lá na rua Propriá.
A casa não era própria
e bem troncho vi o mundo
em hora de muito sol.

A poesia, nota-se, tem o dom de nos permitir brincar com palavras, sentimentos, situações. Manuel Bandeira, o *São João Batista do modernismo brasileiro* segundo Mário de Andrade, afirmou que " *a poesia está em tudo, tanto nos amores quanto nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas*".

Mas nada poética foi a minha chegada, trazendo grande risco para minha mãe, Joana Brandão da Silva Ribeiro, a Janete, no já distante ano de mil novecentos e quarenta e nove. Voltaria a brincar com o fato – e com o próprio nome – em *Marcelo*:

Desde que me entendo
dou apreço a meu nome
Do encontro de céu e mar
fantasiava ser filho
Mas tudo na vida tem preço
não pude escapar à regra:

Jogado à força na terra
vivo, há muito, no exílio.

Fui menino doentio, sempre às voltas com furúnculos. Somente já adulto, descobri a causa: intolerância a milho e seus derivados. Nordeste, sergipano de família numerosa, natural ingerir diariamente cuscuz e, com certa frequência, mungunzá, canjica, milho assado ou cozido, pamonha, mingau de maisena etc. O gasto com remédios avivou o humor de meu pai: passei a ser chamado de *meu caríssimo Marcelo*. A casa sempre cheia (éramos onze) poderia ter servido de profícuo estágio para estudantes de Medicina:

houve sarampo, varicela, conjuntivite, difteria, parotidite, tifo, fraturas, queimadura por água-viva, mordida de cachorro...

Daquela época, o vozeirão indelével do que é considerado um dos maiores, se não o maior dos pediatras da história de Sergipe: Dr. José Machado de Souza, patrono da cadeira 37. Quando a figura corpulenta, de calça e paletó brancos, adentrava a sala, ao medo e ao respeito agregava-se a certeza de que agora a cura se nos apresentava.

Quando eu tinha cerca de quinze anos de idade, assustei-me com freqüentes palpitações, desconforto no tórax. Percebi ser algo mais que o amor. Minha mãe se apressou em levar-me para o conceituado Dr. José Augusto Barreto, com consultório localizado no edifício da rua São Cristóvão, esquina com Itabaianinha, o *Aliança*. Após ausculta e realização do eletrocardiograma, didática e pacientemente explicou-me ele a sutil diferença entre o *normal* e o *comum*. Saí tranqüilo. Aprendi a conviver com meus hemi-bloqueios e com o distúrbio de condução do feixe de His.

Quando contraí tifo fui socorrido pelo agora confrade Dr. Hyder Gurgel, que lançou mão do cloranfenicol. Outro acadêmico desta Casa, Fedro Portugal, então estudante de Medicina, livrou-me dum apavorante choque anafilático. Walter Cardoso, um dos nossos patronos, tratou-me do temido *Schistosoma Mansoni*. Já médico, fui salvo de complicações – em São Paulo e aqui – por dois anjos de nome e renome: Angelita Habr-Gama e Ângela Maria Silva.

Relevem, os que não são médicos, a morbidez das primeiras palavras: quis convencê-los, de imediato, da importância que todos devemos dar aos profissionais da saúde; conheço bem os dois lados da moeda. Citando alguns dos males que me atingiram, aquilatam os senhores e senhoras como importante é para mim – um médico comum e um péssimo paciente – ser recebido nesta Casa, a Casa de Gileno Lima, por tão ilustres colegas, os Acadêmicos Sergipanos de Medicina, como um deles. Aliás, com sinceridade, sem falsa modéstia, tive dificuldade em aceitar candidatar-me a uma das cadeiras: não me considero um cientista, não sou homem de pesquisas médicas nem professor universitário. Alguns colegas amigos (Hamilton, Petrônio Gomes – o mais contundente e, por isso, escolhido para me receber –, Marcos e Lúcio Dias, Marcos Ramos, Souza e outros) me estimularam.

Uns dois ou três me convenceram de que ter procurado, durante décadas, exercer a profissão com dignidade, dedicação e respeito ao paciente (no consultório particular e no serviço público) era o bastante.

Não fui tocado – creiam-me – prioritariamente pela vaidade de ser Acadêmico, tornar-me Imortal. Sensibiliza-me, sim, e alguma vaidade nisso deve haver, o reconhecimento: como afirmou a nossa presidente Déborah Pimentel em discurso aqui pronunciado no dia 23 de abril deste ano, tornar-se acadêmico significa " *que o médico é reconhecido pelos seus pares como alguém capaz de compreender as pessoas além da doença, é um humanista, desperta confiança nos seus pacientes e sabe da importância do ato médico, das suas atitudes e do uso generoso e milagroso das suas palavras. Não é necessário ser escritor ou ser poeta para chegar até esta casa, mas ser um mestre na arte do bom relacionamento e das boas práticas médicas pautadas na ética. Para ser considerado um bom médico, não é o bastante ser excelente técnico e detentor de um saber atualizado das ciências, pois o que a maioria dos nossos pacientes precisa é, também, de conforto e calor humano, capazes, não duvidem, senhores, de mitigar sofrimento e dor*".

É, pois, extremamente enobecedor fazer parte de tão seletos agrupamento. Grato serei, e para sempre, pela acolhida nesta Casa.

Adentro-a com honra, mas com a humildade que meu pai, o digno José da Silva Ribeiro Filho, aos filhos ensinou. Reconfortante ser abordado na rua e, décadas após o seu desaparecimento, ouvir: *"trabalhei com seu pai na Secretaria de Segurança; era um homem culto, mas simples, humilde mesmo. Um homem de bem. Incapaz de mandar maltratar quem quer que seja; seu pai era uma moça"*.

Como descreveu Wagner Ribeiro – seu filho e meu querido irmão –, o professor, juiz de direito e poeta Silva Ribeiro Filho *"era um homem cordial e que não fazia distinção entre altas autoridades e o mais humilde dos servidores; mas sabia se impor, fazer-se respeitado. A mansidão nunca lhe retirou a energia, que sempre soube usar no momento necessário e sem demasiar-se. Foi homem de grande coragem física e moral"*.

Um homem de palavra e exemplos que, para não compactuar com a violência, pediu exoneração do cargo, então efetivo, de Diretor do Reformatório Penal.

Naquele momento difícil, minha mãe se agigantou e fez-se cozinheira, lavadeira, professora, costureira e cabeleireira dos filhos.

Essa mulher, mãe de 12 filhos (um dos primeiros morreu de pneumonia), criou duas outras meninas e ainda arranjava disposição para confeccionar roupinhas e presentear, junto com guloseimas, as crianças que no Hospital de Cirurgia eram submetidas a químico e/ou radioterapia. Confortava também pacientes portadores de hanseníase, na época alojados junto à entrada do conjunto Bugio.

É com esse exemplo de humildade, humanismo e honradez passado pelo casal aos filhos que subo neste púlpito para agradecer aos conceituados colegas o gesto de benevolência e tolerância ao permitirem que me sente ao seu lado, que desta plêiade faça parte.

Dispensável citar o valor de cada um dos acadêmicos. Todos – homens e mulheres – há muito se distinguiram na profissão e granjearam o reconhecimento da sociedade sergipana. O talento de vários transpôs fronteiras.

O acadêmico Eduardo Garcia, meu inteligente professor de Física no velho Colégio Estadual, em seu livro mais recente, *Criador e Criatura*, transcreve palavras do decano dos cardiologistas e clínicos de Sergipe, o respeitabilíssimo professor e acadêmico Dr. José Augusto Barreto: *"foi formando médicos, formando-os em Sergipe, que hoje temos nomes nacionais. Posso dizer que Sergipe está entre os estados com maior nível técnico-científico do país"*.

Mas nem tudo são confetes na Medicina do Brasil. Estão aí a dengue – falhas na vigilância e mudanças propiciadas pela urbanização relançaram o problema – e a tuberculose, que ainda mata 6 mil pessoas todo ano no Brasil.

Na mortalidade materna, perdemos feio para o Chile e para o Uruguai. A ascensão do setor privado na saúde é um indicador da baixa de confiança da população no atendimento público de ambulatórios e hospitais.

A verdade é que as famílias brasileiras separam uma verba maior em seus orçamentos para se proteger da doença do que todo o dinheiro reservado pelo governo federal para essa mesma finalidade. O relatório mais atualizado da Organização Mundial de Saúde (OMS), com dados de 2005, mostrou que o governo brasileiro banca 44% do total de despesas com saúde. Os 56 % restantes cabem às famílias e às empresas. Em 1995, essa relação era inversa: 62% de financiamento público e 38% de privado. Essa transformação está na contramão da tendência mundial. Quanto aos bebês, em 2006, pelos dados da Unicef, a mortalidade estava em 19 por mil nascidos vivos. Nos países desenvolvidos, como a Suíça, e também na modesta Cuba, são 3 a 5 óbitos por mil nascidos vivos. O índice brasileiro atual é semelhante ao que os países mais desenvolvidos ostentavam na década de 1960; o atraso é de quase 50 anos.

É preciso corrigir a falta de boas condições de trabalho e a vergonhosa remuneração dos médicos. Revoltante a discriminação que as várias esferas da administração fazem de profissionais de nível superior. Não há remuneração decente para o médico que queira submeter-se a concursos. Aliás, quase não há concursos – área de saúde – na esfera federal.

O SUS é balizado pelos princípios da universalidade (acesso de todos), integralidade (acesso de todos, em todos os níveis, da baixa à alta complexidade) e o controle social (exercido pelos Conselhos de Saúde). Evidentemente, há muito só funciona plenamente no papel. Cidadãos não conseguem atendimento, médicos fazem o que podem com equipamento e estrutura precários, hospitais não conseguem arcar com o prejuízo causado pelo baixo valor dos procedimentos e consultas.

Necessárias se fazem boa gestão dos recursos e a educação de todos os participantes do sistema de saúde, inclusive dos cidadãos. Já setores que aumentam a arrecadação têm dignos e, em alguns casos, exagerados vencimentos. Há descompasso quando se compara – não apenas na nossa área – a remuneração de cargos em comissão com a de servidores de carreira. Ouve-se de muitos colegas que seus filhos são atraídos por outras atividades, não há estímulo para seguir a profissão dos pais. Urge que proliferem nomes que defendam a categoria, sua dignidade remuneratória, decentes condições de trabalho. É louvável o trabalho de tais colegas que, neste momento, simbolizo pelos nomes de Lúcio Prado Dias, Adelson Chagas, Henrique Batista. É preciso que o médico se conscientize do seu valor e da sua força moral perante a sociedade.

Recordo-me de, como Deputado Estadual, vir a esta sala colher sugestões para apresentar na Assembléia Constituinte. Éramos apenas dois os médicos, eu e Mitidieri. Apesar da divulgação, poucos colegas vieram à reunião; nos dias de votação, senti a falta de colegas para pressionar os deputados.

Os odontólogos souberam bem melhor, na época, se movimentar. Um dos líderes do governo, após orientar a derrubada de várias emendas de interesse da categoria, ainda fez troça: *"você está no seu papel, mas médicos choram de barriga cheia; têm três, quatro empregos e não trabalham direito em nenhum"*. Esse deputado, agora federal, tem médicos como parentes próximos.

Por outro lado, é preciso que a categoria reflita e corrija seus erros.

Valho-me novamente de palavras da acadêmica Déborah Pimentel quando, corajosamente, assim se pronunciou em seu discurso de posse na gestão atual: *"nunca fomos tão desvalorizados pela mídia e população em geral quanto nos tempos atuais, o que nos parece, em um relance, paradoxal, haja vista o nosso vasto conhecimento e o grande avanço das ciências e da tecnologia. Entretanto, os médicos têm visto o seu trabalho ser desqualificado e mal remunerado, principalmente pelas seguradoras que terceirizam esta mão de obra. Paralelo a isso, existe uma franca promiscuidade entre colegas e as indústrias farmacêuticas e de equipamentos que os corrompem com presentes, viagens e até mesadas, pondo em cheque a credibilidade destes médicos que prescrevem pensando no próprio bem-estar e não em defesa da qualidade dos serviços que eles prestam aos seus pacientes, ferindo um princípio básico da ética médica"*.

Mas hoje é noite de festa: esqueçamos temporariamente as mazelas, retomemos o fio da meada: ocupemo-nos do encomiástico do patrono da cadeira 5, Dr. Canuto Garcia Moreno, e, a seguir, prestemos o merecido tributo ao Presidente de Honra "AD PERPETUUM" da Academia Sergipana de Medicina, Dr. Gileno da Silveira Lima.

Canuto Perez Garcia Moreno nasceu em Santos, São Paulo, no dia 13 de janeiro de 1916. Os pais, Pedro Garcia Moreno – farmacêutico e, conforme escritos seus lidos por mim, boa pena – e Maria Ambrosina Brandão Moreno (prendas do lar, como se dizia,) eram de Laranjeiras, Sergipe. Tiveram muitos filhos. O mais velho, João Batista Perez Garcia Moreno, nasceu no dia 12 de dezembro de 1910, também naquela cidade, a 20 quilômetros de Aracaju. Laranjeiras, cogitada algum tempo para capital do Estado, foi chamada de "Atenas sergipana", por força da tradição na cultura.

Possuiu dezenas de engenhos e foi a maior produtora de açúcar do Estado. Mas quando o médico recém-formado Gileno Lima veio de Salvador, mostrou-se decepcionado com a decadência da cidade. O fato é que Pedro Garcia Moreno sentiu necessidade de associar-se a outro farmacêutico e mudar-se para Santos, em busca de melhores dias. Lá nasceu, nos fundos da sua Farmácia Perseverança, o menino Canuto. Não se acostumando com o clima da praia paulista, logo a família regressa para Sergipe e se instala em Maruim. Nosso homenageado fez o primário nessa cidade, o curso secundário em Aracaju e o universitário na Faculdade de Medicina da Bahia – o primeiro curso superior do Brasil, criada por Dom João VI em 1808, e que comemora este ano, portanto, seu bicentenário. Mas foi preciso aguardar dois anos para cursar a Faculdade, pois o pai não podia arcar com tanta despesa, uma vez que lá estudava o João. Este, o Garcia Moreno mais conhecido, destacar-se-ia como psiquiatra (iniciara-se como clínico geral), professor, pesquisador, escritor, tendo deixado fama de competência e humanismo nas Faculdades de Direito e de Medicina de Sergipe. Tive a satisfação de, juntamente com Carlos Augusto Satler, do exigente intelectual receber a maior nota – 9 – em redação no vestibular de 1969, com o tema "O livro e o progresso humano".

O irmão Canuto formou-se em 13/12/1941. Montou consultório na cidade de Capela, onde conheceu Antônia, com quem se casaria. No início de carreira, por falta de estrutura hospitalar, atuava em todas as áreas da medicina. Gostava de ajudar e chegava a comprar remédios para os pacientes. Endividado, recorria com frequência ao pai, solicitando reforço pecuniário. Recebeu conselho: fosse para a capital, deixasse de lado a benemerência.

Em Aracaju, passou a dar aulas no Colégio Estadual de Sergipe, o Atheneu, até que lhe chegou nomeação para o cargo de médico do Reformatório Penal. A primeira providência foi casar-se com a moça de Capela, com quem teve sete filhos. Família já constituída, instalou-se numa casa da Avenida João Ribeiro, no bairro Santo Antônio.

Era amigo de meu pai. Lembro-me de vê-lo diversas vezes quando, por volta dos doze anos de idade, passava pela porta da sua casa, agora na rua Riachuelo, ao me dirigir para o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia de Sergipe, onde, aluno de Rosália Bispo dos Santos e Carmelita Pinto Fontes, fui colega de turma da sua terceira filha, Maria Coeli, hoje pediatra em São Paulo, e casada com Edson José Leão, ginecologista e obstetra, irmão do técnico e ex-goleiro Emerson Leão.

Canuto dedicou-se à cirurgia geral em Aracaju; o acadêmico José Amado Nascimento foi um dos seus gratos pacientes.

Foi presidente da SOMESE, tendo recebido o cargo das mãos de Dr. José Machado de Souza, com o apoio decisivo de Carlos Firpo, então diretor do Hospital Santa Isabel. Canuto seria um dos primeiros a socorrê-lo, encontrando-o ainda com vida, por ocasião do bárbaro e até hoje não bem explicado crime da rua Campos.

Gileno Lima, então presidente da Associação Comercial, liderou um gigantesco ato público em desagravo ao médico José Machado de Souza, injustamente acusado por um matutino carioca de haver participado da trama que ceifou a vida do ilustre médico e homem público. O evento contou com a firme participação da Sociedade Médica de Sergipe, comandada pelo Dr. Canuto Garcia Moreno. O assassinato do médico Carlos Firpo, em abril de 1958, ficaria marcado para sempre no menino que fui, sou e serei. Quis o destino que eu viesse a morar durante muito tempo no mesmo trecho daquela rua.

O devotado "agente cultural da Medicina de Sergipe", acadêmico Lúcio Prado Dias, nos informa que a partir da administração de Canuto na SOMESE, "forma-se um bloco forte e

consistente que comanda a medicina de Sergipe por uma década, com realizações de grande importância para o seu desenvolvimento, destacando-se a fundação da Faculdade de Medicina em 1961 por Antonio Garcia Filho, que, aliando determinação, estoicismo e força política (seu irmão Luiz era o governador do Estado), supera as indiferenças e os obstáculos de todas as naturezas e consegue instalar a primeira escola médica".

Em 1962, após exames médicos periódicos, Canuto pressentiu que não teria nem mais dez anos de vida (há antecedentes de problemas cardíacos na família). Resolveu, então, retornar à terra natal, para que sua mulher ficasse mais próxima dos irmãos, que moravam em São Paulo, e seus filhos, conseqüentemente, mais protegidos pela família materna. Haveria, ainda, maior facilidade para cursarem uma universidade, seu maior desejo. Transferido para trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de Santos como cirurgião geral, exerceu o cargo de médico em vários hospitais, atuando também em consultório particular.

Por volta de 1967, começou a fazer perícia médica para aumentar a renda familiar, uma vez que estava com três de seus filhos cursando faculdade.

Exatamente sete anos depois de sua chegada a Santos, sua previsão cumpriu-se, ao falecer de enfarte agudo do miocárdio, no dia 12/11/1969, aos 53 anos de idade. Perdeu o casamento da primeira filha, marcado para um mês depois. Marília, a filha mais velha, formou-se em Direito; o segundo filho, Antônio Renato – que foi meu contemporâneo no Ginásio de Aplicação, e tinha o apelido de Tuna –, médico de empresas e perito, faleceu aos 40 anos de idade em 12/08/88, também de enfarte agudo do miocárdio.

Maria Coeli, já citada, é pediatra; Maria Clara, quarta filha do Dr. Canuto, fez Faculdade de História e é casada com um Juiz de Direito. A quinta filha, Cecília Maria, é advogada e proprietária de uma escola de Inglês, em Santos. A sexta e última filha de Canuto nascida em Aracaju é Ana Virgínia, advogada. O último rebento, nascido em Santos, mesmo nome do pai, formou-se em Engenharia.

Seus filhos orgulham-se de enxergar no pai uma vida dedicada ao próximo; um verdadeiro tesouro, proclamam. Destacam que no seu peito cristão residia a força do amor. Nela e no dom da cura teria fincado sua base, seu alicerce. Reconhecem-no, porém, como péssimo marceneiro; o jeito, relembram, era recorrer aos presos do Reformatório Penal (onde era médico muito querido) para o conserto das peças tortas.

Na casa de praia da Atalaia, o cidadão Canuto relaxava, estendia-se numa rede, deliciava-se com água de coco e banhos de mar na companhia da mulher e dos filhos.

Comemorava o aniversário com ruidosas festas, inesquecíveis para os filhos. Havia, recordam, pescaria, quebra-pote, pula-saco, e muitos convidados. Naqueles momentos, contente e divertindo os que estavam em volta, liberava suas memoráveis risadas sonoras.

Romântico, era homem de colocar uma flor de maracujá embaixo do travesseiro da esposa, sempre que chegava da caminhada matinal na Atalaia. Caminhava assobiando sempre a música Maracangalha, do imortal baiano Dorival Caymmi.

Talvez pela influência farmacêutica do pai, deleitava-se fabricando sabões e perfumes. Não conseguia, nessa atividade, sequer agradar a pouco exigente clientela familiar.

Ecumênico, lia todos os dias, sem exceção, ao chegar do trabalho, trechos da Bíblia e do Evangelho Segundo o Espiritismo. Deste, leitura silenciosa, disfarçada, para não arranhar a formação católica da esposa.

Assim era esse santista, tratado pelos conterrâneos como sergipano.

Era costume seu dizer: "um pai precisa ser bom lavrador para impedir junto a seu trigo o joio mau". A família é prova irrefutável de que sadias eram as sementes e que soube ele cultivar bem o seu latifúndio.

GILENO DA SILVEIRA LIMA

Ao noticiar, pela Internet, os nomes escolhidos para tomar assento nesta Casa, o acadêmico e secretário-adjunto Lúcio Prado Dias deixou-me apreensivo: Marcelo Ribeiro ocuparia a cadeira número 5, cujo patrono era Dr. Canuto, e que teve Dr. Gileno da Silveira Lima, Presidente de Honra da Academia Sergipana de Medicina, como último ocupante. "*Quanta responsabilidade!*", acrescentou. O próprio Gileno cuidou de me tranquilizar, ao deixar registrado num dos seus discursos o que recolhera do *Livro da Sabedoria*: "*O Senhor não escolhe os capacitados. Capacita os escolhidos*". Um pouco mais confiante, mergulhei na pesquisa da longa e proficiente vida do imortal que tenho hoje a elevada honra não de substituir (que não se substitui um imortal, profere Carlos Ayres Britto no seu discurso de posse na Academia Sergipana de Letras), mas de seqüenciar na Academia Sergipana de Medicina.

Deparei-me com excesso de informações. Como condensar tantas atividades, tantos empreendimentos, tantas lutas de vida tão rica?. Prosa agradável (lembra-me o historiador José Calasans, meu tio), ele imortalizou em entrevistas, discursos e anotações muitas das suas idéias e ações. O que nos ajuda a seguir, passo a passo, sua singular trajetória. Batalhador, irrequieto, incorrigível otimista. Agradeço a Dona Maria Antônia, sua viúva, a finura e presteza – virtudes características do casal – com que me passou várias informações e manuscritos do nosso eterno Presidente. Muito também do que ouvirão devo ao trabalho de pesquisa dos Drs. Lúcio Prado Dias, José Vieira Barreto Nunes e Rosiane Santana Andrade. Recorri, ainda, à densa entrevista concedida por Gileno ao jornalista Jonaldo Santiago, publicada no número 48 do Jornal da SOMESE, em julho de 1996.

Gileno da Silveira Lima nasceu em Cachoeira – "*a 'heróica', devido à participação na independência da Bahia*", gostava de frisar –, em 3 de abril de 1920. Os pais, Genésio Fernandes Lima e Domecília da Silveira Lima, eram sergipanos de Maruim. Último dos seis filhos de uma família de classe média baixa, cedo enfrentou dificuldades para estudar e se formar. Desde o ginásio trabalhava para ajudar a custear os estudos.

Iniciou-os em casa, com a irmã mais velha, professora Zuleide da Silveira Lima. Completou o primário no Colégio São Bento, em Salvador. Aprovado no exame de admissão, freqüentou o Ginásio da Bahia; o curso complementar – durava três anos e possibilitava o ingresso na Universidade – foi feito no Colégio Estadual da Bahia. Em 1939, o vestibular da Faculdade de Medicina, no velho Terreiro de Jesus. Espírito de liderança, durante todo o curso superior representou a turma junto ao Diretório Acadêmico, do qual foi secretário e presidente. Foi o orador oficial do Centro de Estudos da Faculdade. Além de remunerado no internato da Faculdade, trabalhava como propagandista de laboratórios, entregando medicamentos aos médicos, em seus consultórios e nos hospitais.

Formou-se em 1944. Diplomado, perdeu os empregos, mas continuou trabalhando nos hospitais, pelas manhãs. À tarde – contava rindo – ia desfilando na tradicional rua Chile, no centro de Salvador, ponto chique da cidade, ostentando no anular uma bela esmeralda; e com ela alisava os cabelos, para que as garotas soubessem que era médico. Coisas da juventude, justificava. A pretensão inicial era clinicar em Minas Gerais, não desejava permanecer em Salvador. Enquanto aguardava maiores informações para ir morar em Pedra Azul, recebeu o convite de um primo, Guilhermino Milton da Silveira, médico-chefe do antigo Serviço de Febre Amarela em Sergipe, para vir para nossa terrinha. Laranjeiras precisava de médico, o Dr. Antonio Garcia mudara-se para Aracaju.

Amigo do Interventor Federal Augusto Maynard, o primo arranjar-lhe-ia também um lugar de médico na Secretaria de Saúde Pública. Não pensou duas vezes.

Decepcionado com o marasmo de Laranjeiras, preenchia o tempo com as atividades profissionais: além do ofício de médico da Saúde Pública, contratos para prestar serviços a inúmeras usinas da região, além de credenciamento do antigo IAPI. Resumia-se o lazer ao velho sinuca do bar de João de Alípio. Às 21 horas, desligado o motor que fornecia eletricidade, a cidade ficava às escuras. O jeito era ler ou estudar à luz de candeeiro. Confessa que chegava a chorar. Logo tudo se transformaria, ao conhecer uma vizinha da pensão onde morava, Maria Antônia, fator preponderante para sua permanência na cidade. A musa fez-se esposa e sua grande incentivadora. Além de atender a população de Laranjeiras, uma vez por semana ia a Socorro e a Riachuelo, cuidar dos pacientes daquelas cidades. Por dois anos morou em Laranjeiras.

Largaria tudo – casa arrumada, clientela, empregos etc – e viria às pressas para Aracaju: sofrera o sogro um grave acidente vascular cerebral. Levou-o ao Rio de Janeiro, para ouvir Deolindo Couto, um dos mais conceituados neuro-cirurgiões da época. Mas o caso era irreversível e o professor deu-lhe conselho: trazê-lo para morrer em casa, sorvendo o conforto da família. Com o falecimento do senhor Manoel dos Santos Silva, dois meses depois, viu-se obrigado a assumir as responsabilidades e os negócios da família. Substituiu-o na direção, em Aracaju, do Banco Prado Vasconcelos, de capital sergipano, com matriz no Rio de Janeiro. Foi ser diretor, também, da Usina São João, em Riachuelo. De banco e de usina não entendia nada, confessava. Teve que aprender muito, e rapidamente. Foi eleito presidente da Associação Comercial de Aracaju, onde criou o SPC – Serviço de Proteção ao Crédito.

A idéia, abandonada pelos seus sucessores, foi aproveitada pela Câmara de Diretores Lojistas, que do SPC fez sua maior fonte de receita. Terminado o mandato na Associação Comercial, voltou às atividades normais no Banco e na Saúde Pública.

É quando ocorre o assassinato do doutor Carlos Firpo, diretor do Hospital Santa Isabel, ficando o cargo em aberto. Nenhum colega do corpo clínico quis substituí-lo. Era o cargo um grande sacrifício. Os amigos Machado de Souza, Antero Carozo, Carlos Muricy e Wilson Rocha recorreram a Gileno, que aceitou a missão. E logo tratou de recuperar, ou melhor, erigir um novo Santa Isabel, com modernos serviços, aumentando seu quadro clínico – não só médico, como paramédico. O hospital não possuía um só enfermeiro de nível universitário, nem auxiliares de enfermagem diplomados. Contratou vários deles, enviou uma freira das mais novas, Irmã Coração de Maria, para fazer o curso superior de enfermagem no Hospital Santa Catarina, em São Paulo. Criou o Serviço Social, em convênio com a Escola de Serviço Social. Realizou concursos para jovens universitários, a fim de os tornar auxiliares de intervenções cirúrgicas, função até então exercidas por "enfermeiros". O primeiro lugar foi, brilhantemente, abiscoitado pelo hoje confrade Marcos Prado Dias.

Ao lado das medidas iniciais, uma obsessão: trazer de volta ao Santa Isabel o Dr. Augusto Leite. Não compreendia aquele hospital sem o grande médico. Tinha sido ele o pioneiro da cirurgia em Sergipe quando, em 9 de novembro de 1914, realizou a primeira laparotomia em nosso Estado. Antes dele, as grandes cirurgias eram apenas mutiladoras, restritas a amputações.

Tivera, porém, o memorável cirurgião um sério desentendimento com a direção, e do hospital se afastara, há cerca de três décadas, prometendo nunca mais voltar.

Promessa cumprida ao pé da letra. Contava Gileno que não foi tarefa fácil. Recorramos a manuscrito seu: "*à primeira abordagem – muito cautelosa –, o Dr. Augusto, dentro da sua costumeira fidalguia, deu-nos um solene NÃO, adiantando que, enquanto vivo fosse, jamais voltaria a pisar o chão do Santa Isabel*".

Nosso fundador não desistiu; ao contrário, revigorou o ânimo e recorreu a colegas ilustres, íntimos de Dr. Augusto: Machado de Souza, Juliano Simões, Benjamim Carvalho e Garcia Moreno, que aplainaram os caminhos, permitindo-lhe uma nova conversa.

Somente dois anos depois dos contatos iniciais, a surpresa e a alegria de ver o Mestre aceitar o convite para a inauguração das novas Capela, Clausura das Irmãs Sacramentinas, e a troca do fogão a lenha por um a gás (somente o 28° BC tinha, na época, esse privilégio) – que fez desaparecer toda a fumaça, tão maléfica aos pacientes. Voltemos ao deleite do seu manuscrito: "*Na data aprazada, lá estava o Dr. Augusto, com seu passo lépido e seguro, percorrendo o chão do Santa Isabel, do qual se afastara há mais de 30 anos! A sua alegria era transparente e contagiante! Parecia uma criança que, após longos anos de ausência, voltava ao palco das peraltices de sua meninice! A cada instante, identificava as mudanças do Hospital e, dedo em riste, lembrava: aqui, era a Sala de Cirurgia; ali, a Sala de Curativos; acolá, a Clausura; mais adiante, as Enfermarias tais e tais, citando, até, os nomes de algumas Irmãs!*".

Mas Gileno, persistente guerreiro, queria novas vitórias. Aproximava-se o dia 9 de novembro de 1964, cinqüentenário da 1ª laparotomia realizada no Estado – e justamente pelas mãos hábeis do Dr. Augusto Leite.

Mesmo sabendo-o já afastado das lides cirúrgicas, fez-lhe o convite para repetir o ato operatório, em paciente com o mesmo mal.

Sem titubear, o velho cirurgião aceitou o desafio. No dia combinado, com as presenças ilustres de representantes da Academia Nacional de Medicina, do Colégio Brasileiro de Cirurgiões e da Associação Brasileira de Medicina, realiza-se o ato cirúrgico. Auxiliado pelo filho, Dr. Osvaldo Leite, e assistido por vários jovens médicos (Aristóteles e Eduardo Garcia marcaram presença), o velho cirurgião, mostrando firmeza e segurança, faz a incisão abdominal, diseca os diversos planos até chegar à cavidade uterina, donde retira, com o saca-fibromas, um volumoso tumor! O centro cirúrgico irrompe em aplausos.

Num gesto de desprendimento, o Doutor Augusto doaria ao Hospital Santa Isabel o *bisturi de ouro* que recebera da classe médica ao comemorar os 50 anos de vida profissional.

A volta do ilustre filho pródigo ao centenário Hospital era considerada – por Gileno – sua maior realização durante os oito anos de gestão. Mais, bem mais que a reconstrução e modernização total efetuadas. "*Pelo seu significado afetivo e alto teor de justiça*", explicava. Afinal de contas, "*a Medicina de Sergipe deve ser avaliada em duas fases: antes e depois de Augusto Leite*", complementava.

Os recursos para a reforma foram conseguidos com dotações orçamentárias concedidas pela bancada sergipana (Gileno, um gentleman, circulava bem, independente de suas preferências políticas), mas ajuda maior veio do exterior, Alemanha, através da organização católica *Misereor*: espórtulas oferecidas nas missas dominicais. Recebeu um

polpudo cheque em marcos alemães, que lhe permitiu construir um novo hospital: móveis e equipamentos da melhor qualidade vieram de São Paulo; assim como aparelhos de Raios X, eletro, mesas, focos cirúrgicos etc.

Ergueu-se mais um andar (com dez apartamentos), enfermarias foram recuperadas, oxigênio canalizado foi colocado no centro cirúrgico, nos apartamentos e em todas as enfermarias, inclusive nas de "não-contribuintes".

E o Hospital Santa Isabel tornou-se o mais bem-equipado do Estado. Um dos pontos altos da sua vida, reconhecera.

Além de médico da Saúde em Laranjeiras, foi médico e diretor do hospital São João de Deus. Médico da Companhia de Alcalis de Sergipe, em Socorro; médico e chefe do ambulatório do INPS em Aracaju; Coordenador de Assistência Médica do INSS; Secretário de Assistência Médica e Superintendente interino do INAMPS. No Santa Isabel, além de seu diretor, dirigiu a maternidade "Doutor João Firpo". Diretor do cemitério Santa Isabel. Dirigiu a Divisão de Saúde e Higiene do Sesi.

Assessor do Gabinete Civil do Governo do Estado. Exerceu cargo de Direção na Sociedade Médica de Sergipe, sendo seu delegado junto à AMB. Membro da Associação Sergipana de Hospitais. Diretor-tesoureiro do CRM. Fez parte de diversos conselhos de entidades médicas. Foi Delegado Federal do Ministério da Saúde, em Sergipe. Com Hugo Gurgel (seu compadre) e Ciro Tavares, construiu a Santa Lúcia, primeira clínica especializada de Sergipe. Participou da fundação do Clube dos Médicos de Sergipe.

Omito, para não cansar a platéia, mil outras atividades suas; o Curriculum Vitae é extenso. Um homem múltiplo.

As maiores satisfações eram, sem dúvida, a passagem pelo Santa Isabel e, *menina-dos-olhos*, a fundação da Academia Sergipana de Medicina, guardiã da memória médica do nosso Estado.

A sugestão foi do primo, presidente da Academia da Bahia, professor Geraldo Milton da Silveira. Gileno coordenou toda a criação, mas, humildemente, não quis assumir cargo da nova diretoria. Arregimentou vários colegas (Cleovansóstenes Pereira de Aguiar, Alexandre Gomes de Menezes Neto, José Leite Primo, Hugo Gurgel, Lauro de Brito Porto, Oswaldo de Souza) e, somando esforços, conseguiram fundá-la no dia 9 de dezembro de 1994.

Antevia, na Academia, a perpetuação dos grandes vultos da medicina, muitos já esquecidos, envolvidos na poeira do tempo e na omissão dos homens. Destacava sempre a ajuda inestimável de Cleovansóstenes Pereira de Aguiar, "*exemplo vivo de abnegação, trabalho e seriedade*", como também a grande ajuda da SOMESE, na pessoa do presidente Lúcio Prado Dias. Asseverava: "*a Academia só existe por causa da SOMESE; desde o primeiro instante, contamos com o seu apoio, sua infra-estrutura e a sua benevolência, que a acolhe carinhosamente em suas dependências até hoje*".

Gileno foi também presidente da Cooperativa dos Usineiros de Sergipe, Pró-reitor da administração da UFS, Diretor-administrativo do ITPS.

Prefeito nomeado de Aracaju, no Governo Lourival Baptista, deixou o cargo quatro meses e meio depois – *"para ficar em paz com a consciência, por não entender a linguagem dos políticos"*.

Um pouco antes chegara a ser candidato a candidato (pelo Partido Republicano) a Governador, um pedido do seu amigo, senador Júlio César Leite. A eleição era indireta, realizada pela Assembléia Legislativa, nos terríveis tempos de exceção. Obteve 18 dos 22 votos dos senhores deputados, não alcançando o quórum necessário à indicação. Melhor assim, ver-se-ia poupado de constrangimento maior.

Os nomes vitoriosos foram levados ao marechal Castelo Branco, então Presidente da República, que, após lê-los, indagou: *"e o deputado Lourival Baptista?"*.

Ora, Lourival não tinha sido candidato, mas era o preferido do Presidente.

Os políticos sergipanos deram "meia-volta" e, chegando a Aracaju, a Assembléia reuniu-se novamente, sendo Lourival escolhido, e por unanimidade. A política é repetitiva; a subserviência do Legislativo ao Executivo é antiga.

É de poucos o conhecimento, mas, quando Delegado Federal da Saúde, serviu Gileno de "cabeça de ponte" para que o Ministério da Saúde cedesse à Universidade Federal de Sergipe o antigo hospital de tuberculose. O velho elefante branco transformar-se-ia no hoje atuante Hospital Universitário.

Recebeu vários títulos e honrarias. Era Conselheiro de vários órgãos do Governo; com ele participei de reuniões durante o curto tempo em que fui Presidente da FUNDEPAH, órgão ligado à Cultura, a convite do então Secretário, intelectual Luiz Antonio Barreto.

Assim como Canuto e Augusto, alimentava Gileno o sincero desejo de servir ao próximo; daí sentir-se inteiramente à vontade no Rotary Clube, chegando a ser o mais antigo rotariano do distrito 4390, que englobava Bahia, Sergipe e Alagoas, e ao qual pertenceu por mais de 55 anos. Religioso, freqüentava Cursilhos de Cristandade e Encontros de Casais com Cristo.

Ressumou sua *ira santa* ao falar, em 1996, sobre a crise da Saúde Pública no Brasil: *"a receita básica, fundamental para o Brasil, poderia se resumir, apenas, a uma palavra: VERGONHA. A sua ausência é a maior responsável pelo caos ao qual fomos levados. Os recursos orçamentários para o setor de saúde são suficientes. Não há necessidade de novos impostos. O povo já está por demais penalizado. O que é necessário é que a distribuição de tais recursos se faça com lisura, livre da corrupção existente em quase todos os setores e inúmeras interferências de ordem política, sempre comprometedoras. Portanto, vergonha será fundamental para a eliminação da corrupção e suas danosas conseqüências"*.

A *lady* Maria Antônia dos Santos Silva Lima, os cinco filhos – Lícia Violeta, Frederico José, Gileno Augusto, Gustavo José e Ana Carla –, as noras Suzana e Simone, o genro Edson, e os netos e netas do *lorde* Gileno da Silveira Lima, falecido no dia 5 de maio de 2006, aos 86 anos, têm do que se orgulhar.

Repetimos todos o que sobre Gileno deixou registrado, do próprio punho, no *Livro de Impressões sobre o Hospital Santa Isabel*, o médico e Comendador da Ordem de São Silvestre Augusto César Leite: *"Sergipe saberá guardá-lo no seu coração"*.

Paro aqui; agradeço a presença e paciência de todos. Falar sobre nosso perpétuo Presidente, fez-me esquecer da advertência de CONSELHO, poema do português Eugénio de Andrade:

Sê paciente; espera

que a palavra amadureça

e se desprenda como um fruto

ao passar o vento que a mereça

Um adendo: na hora em que Gileno, idade avançada, precisou usar uma prótese auditiva, os filhos se cotizaram. Era assim a honestidade de homens como Gileno Lima, Machado de Souza e Silva Ribeiro Filho, meu pai.

Todos os direitos reservados aos seus autores e à Academia Sergipana de Medicina. Permitida a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte